

# *Cuidado e Formação*

no campo da saúde

## *em diálogo com os saberes populares*

### Organização

Vanderléia Laodete Pulga  
Vera Lúcia de Azevedo Dantas  
Maria Rocineide Ferreira da Silva  
Osvaldo Peralta Bonetti



ORGANIZADORES  
Vanderléia Laodete Pulga  
Vera Lúcia de Azevedo Dantas  
Maria Rocineide Ferreira da Silva  
Osvaldo Peralta Bonetti

Série Educação Popular & Saúde

# *Cuidado e Formação*

no campo da saúde

*em diálogo com os  
saberes populares*

1ª Edição  
Porto Alegre  
2023

editora



redeunida

## Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA

**Alcindo Antônio Ferla**

### Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Daniela Dallegrave, Denise Bueno, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Cecon, Stephany Yolanda Ril, Virgínia de Menezes Portes.**

### Conselho Editorial

**Adriane Pires Batiston** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);  
**Alcindo Antônio Ferla** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Ángel Martínez-Hernández** (Universitat Rovira i Virgili, Espanha);  
**Angelo Stefanini** (Università di Bologna, Itália);  
**Ardigó Martino** (Università di Bologna, Itália);  
**Berta Paz Lorido** (Universitat de les Illes Balears, Espanha);  
**Célia Beatriz Iriart** (University of New Mexico, Estados Unidos da América);  
**Denise Bueno** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Emerson Elias Merhy** (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil);  
**Érica Rosalba Mallmann Duarte** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Francisca Valda Silva de Oliveira** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil);  
**Hêider Aurélio Pinto** (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil);  
**Izabella Barison Matos** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);  
**Jacks Soratto** (Universidade do Extremo Sul Catarinense);  
**João Henrique Lara do Amaral** (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil);  
**Júlio Cesar Schweickardt** (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);  
**Laura Camargo Macruz Feuerwerker** (Universidade de São Paulo, Brasil);  
**Leonardo Federico** (Universidad Nacional de Lanús, Argentina);  
**Lisiane Bôer Possa** (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil);  
**Luciano Bezerra Gomes** (Universidade Federal da Paraíba, Brasil);  
**Mara Lisiane dos Santos** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);  
**Márcia Regina Cardoso Torres** (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil);  
**Marco Akerman** (Universidade de São Paulo, Brasil);  
**Maria Augusta Nicoli** (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália);  
**Maria das Graças Alves Pereira** (Instituto Federal do Acre, Brasil);  
**Maria Luiza Jaeger** (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil);  
**Maria Rocineide Ferreira da Silva** (Universidade Estadual do Ceará, Brasil);  
**Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** (Universidade Federal do Pará, Brasil);  
**Quelen Tanize Alves da Silva** (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil);  
**Ricardo Burg Ceccim** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Rossana Staeve Baduy** (Universidade Estadual de Londrina, Brasil);  
**Sara Donetto** (King's College London, Inglaterra);  
**Sueli Terezinha Goi Barrios** (Associação Rede Unida, Brasil);  
**Túlio Batista Franco** (Universidade Federal Fluminense, Brasil);  
**Vanderléia Laodete Pulga** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);  
**Vanessa Iribarrem Avena Miranda** (Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil);  
**Vera Lucia Kodjaoglanian** (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil);  
**Vincenza Pellegrini** (Università di Parma, Itália).

### Comissão Executiva Editorial

**Alana Santos de Souza**  
**Jaqueline Miotto Guarnieri**  
**Camila Fontana Roman**

### Revisão

**Luana Monteiro Rodrigues**

**Capa | Projeto Gráfico**  
**Julie Rossato Fagundes**

**Diagramação**  
**Lucia Pouchain**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

C966

**Cuidado e formação no campo da saúde em diálogo com os saberes populares/**  
Organizadores: Vanderléia Laodete Pulga, Vera Lúcia de Azevedo Dantas, Maria Rocineide Ferreira da Silva e Osvaldo Peralta Bonetti – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.

345 p. (Série Educação Popular & Saúde, v.11).

E-book: 7.00 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-086-4

DOI: 10.18310/9786554620864

1. Acesso aos Serviços de Saúde. 2. Capacitação de Recursos Humanos em Saúde.  
3. Educação em Saúde. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WA 18

CDU 614

---

Catalogação elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA  
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

[www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)



# (RE)APRENDENDO HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E SABERES DAS COMUNIDADES: EDUCAÇÃO POPULAR DIALOGANDO COM A FORMAÇÃO E O TRABALHO EM SAÚDE

Michele Neves Meneses  
Renata Pekelman  
Neidi Regina Friedrich  
Elizabeth Buenabad Martinez  
Cristianne Famer Rocha  
Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Que fazes tu de tuas crenças,  
de ti, de tua arte,  
de tua ciência,  
quanto de amor te faz,  
com quanto amor te faz?  
(Ray Lima, 2018, p. 36)

Para entender o presente e repensar o futuro, é essencial conhecer as memórias do passado. As histórias, assim como as memórias coletivas, não são fixas e unilaterais, estão em constante reelaboração, sendo construídas e reconstruídas com base nas interações entre as pessoas e os coletivos a que pertencem. Para Pinto (2017, p. 106), “as lembranças na sociedade não são únicas, nem as mesmas para todos”, uma vez que serão abordadas as experiências de cada um em sua vida. Na perspectiva da Educação Popular em Saúde (EPS), os processos formativos devem buscar a aproximação de profissionais com as memórias, a cultura e história, procurando superar estereótipos, preconceitos e distanciamentos tão comuns no cotidiano de vida. Essa aproximação tem potencial para gerar vínculos, compromissos e olhar mais compreensivo que terão influência na atuação profissional destes profissionais.

Se analisarmos a história da educação, esta mostra-se presente desde os primeiros relatos do ser humano na Terra. Formou-se pelas experiências e interações da nossa espécie com o meio. Revelar ao outro a produção e

conservação do fogo, por exemplo, fundamental para preservação da espécie, é um processo educativo. Ensinar o manejo dos artefatos para caçar, se alimentar, fazer uma vestimenta, também era educação. A disseminação de hábitos, crenças, formas de convívio, organização social e a produtiva são decorrentes de processos educativos.

Em suma, a educação é necessária em todos os sentidos: para melhorar nossas condições de vida, para ascender a melhores oportunidades de emprego e/ou para fortalecer nossos valores e relações sociais. Desta maneira, estudar a educação, em todas as modalidades (escolarizada, não escolarizada, pública, privada, direcionada à infância como para os jovens e adultos), implica posicionamentos teóricos e metodológicos, assim como as diversas abordagens desde enfoques diferenciados: antropológicos, históricos, sociológicos, culturais, psicológicos, entre outros.

Nessa direção, o presente capítulo<sup>28</sup> foi construído a partir de diferentes óticas e os temas abordados se centram em problemáticas atuais e mostram como é possível fazer uma história do presente, seja na política de saúde e sua correlação com os agentes comunitários de saúde, assim como em formas de pensar e fazer a democracia. Por outro lado, a Educação Popular oferece valioso caminho de análise sobre as formas com que o Estado corporativiza as formas e práticas de resistência étnica. Além disso, a reflexão teórico-metodológica propicia pensar as políticas públicas de educação e saúde em prol da diversidade sociocultural, não apenas no Brasil, como em toda a América Latina. Outras questões que nutrem a produção desse texto centram-se na busca da formação com consciência histórica entre os participantes da Educação Popular.

Neste cenário, a Educação Popular, como corrente de pensamento e ação, somente pode ser entendida, compreendida e conceituada a partir da própria práxis. Este processo *práxico* conta com importantes antecedentes relacionados com pedagogos, políticos, atores sociais e, inclusive, heróis

---

28 As reflexões aqui trazidas têm como base parte da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado de Michele Neves Meneses junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ampliada pela construção reflexiva coletiva dos autores (as).

de nossas histórias. Entre os pedagogos, destacam-se Célestin Freinet, Lev Vygotsky e Paulo Piaget, entre outros. Porém, quem realmente veio a constituir-se como o “pai moderno” dessa proposta teórico-prática é, sem dúvida, o grande pedagogo Paulo Freire (Núñez, 2005).

Assim, a Educação Popular oferece instrumental teórico fundamental para o desenvolvimento de ações pedagógicas baseadas no diálogo, na valorização do saber popular, no resgate histórico e nas memórias das comunidades, tendo a identidade cultural como base do processo educativo e compreendendo que respeitar a sabedoria popular vai ao encontro do respeito ao contexto cultural (Freire, 1999).

Trazendo para o campo da saúde, em particular no âmbito do Sistema Único de Saúde, os principais trabalhadores ligados à Educação Popular são os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e os Agentes de Combate às Endemias (ACE), pessoas que nasceram, vivem e atuam nos territórios, buscando compreender a realidade e as necessidades de saúde da população. Esta atuação, entretanto, vem se deparando com diretrizes cristalizadas e autoritárias que preconizam o exclusivo combate à doença ao invés de trabalhar as causas determinantes junto às populações. Logo, os princípios político-pedagógicos da Política Nacional de Educação Popular em Saúde do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS) são tomados como ferramentas de agenciamento para participação em defesa da vida e como estratégias para mobilização social pelo direito à saúde. Esse papel agenciador se faz pelo pinçar e fomentar atitudes de participação, no sentido de sempre mudar realidades, tornando-as vivas, criativas e correspondentes ao desejo de uma vida mais feliz.

Corroborando Pedrosa (2007, p. 15), entende-se que a EPS está implicada com

[...] atos pedagógicos que fazem com que as informações sobre a saúde dos grupos sociais contribuam para aumentar a visibilidade sobre sua inserção histórica, social e política, elevar suas enunciações e reivindicações, conhecer territórios de subjetivação e projetar caminhos inventivos, prazerosos e inclusivos.



Acredita-se que a Educação Popular é um campo de concepções e práticas e constitui instrumento metodológico fundamental para reorganização mais radical do SUS. É importante locus promotor de reflexões e práticas que aprimoram e contribuem com a democratização dos espaços públicos e defesa do SUS, no sentido da construção de atenção à saúde integral, em que as pessoas e os grupos sociais assumam maior controle sobre suas vidas e em que a racionalidade do modelo biomédico dominante seja transformada no cotidiano das práticas. A Educação Popular não é mais uma atividade a ser implementada nos serviços, mas estratégia de reorientação da totalidade das práticas ali executadas, na medida em que investe na ampliação da participação que, dinamizada, passa a questionar e reorientar tudo.

Em 2012, fruto de trabalho conjunto entre o Ministério da Saúde e o movimento social, a PNEPS-SUS, foi aprovada no Conselho Nacional de Saúde, sendo instituída pela Portaria MS nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. A PNEPS-SUS tem por objetivo geral a implementação da EPS no âmbito do SUS, contribuindo com a participação popular, a gestão participativa, o controle social, o cuidado, a formação e as práticas educativas em saúde, reafirmando como diretrizes pedagógicas o diálogo, a participação e a amorosidade para consecução do compromisso com a construção do projeto democrático e popular centrado na emancipação.

Propõe uma prática político-pedagógica para orientar as ações voltadas para a “[...] promoção, proteção e recuperação da saúde, a partir do diálogo entre a diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos [...]” (Brasil, 2013, p. 14).

O marco político-pedagógico da Educação Popular em Saúde, de base sócio construtivista, vem com conjunto de saberes e práticas, considerando que a aprendizagem é um processo complexo que ocorre no contexto diário vivido, por meio da interação entre atores sociais, ativos e criativos, que vivenciam experiências novas que são confrontadas com outras já vividas, favorecendo, assim, o desenvolvimento de novos esquemas mentais expressos

em conhecimentos individuais e coletivos (Barilli; Pessôa, 2013). Soma-se a este o marco da Pedagogia Crítica (Freire, 1997) que, sobretudo, entende a educação como prática de liberdade que, pela compreensão crítica da realidade, torna o sujeito emancipado e politicamente liberto das formas de opressão (Santiago, 2012), entendendo que o saber como pertencente a um ato maior, o de conhecer, colocando, assim, o elemento epistemológico da ação de aprender.

A Política de Educação Popular é um engajamento político e social que fortalece a democracia e a participação social. Nela, pressupõe-se o ato de compartilhamento do poder, troca e construção compartilhada de saberes e fazeres, criação e estabelecimento de relações solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários do SUS. Tem como um dos objetivos a efetivação do SUS, fazendo-o realidade concreta e vivida a partir do protagonismo de todos os sujeitos. Propõe-se a despertar o protagonismo, fazendo com que os sujeitos percebam o mundo e a si mesmos e atuem sobre ele, com autonomia e consciência (Brasil, 2013).

A Educação Popular em Saúde constitui também como ferramenta estratégica de apoio aos processos de redução das desigualdades regionais e das iniquidades sociais, além de fortalecer as construções em prol das diversidades culturais e das possibilidades de estar e ser no mundo. Potencializa a ampliação da participação social e da gestão compartilhada, extremamente necessárias às relações entre os gestores e destes com os trabalhadores e usuários do SUS, auxiliando-os no resgate da cidadania e a se tornarem sujeitos atuantes nos processos de construção de uma sociedade melhor (Brasil, 2013). Caracteriza-se como instrumento para necessária dialogicidade e ratifica o papel de transformação, sem negar a leitura do mundo dos cidadãos, nem o poder de serem críticos, autônomos, cientes, já que o ato educativo é um ato político que indica o rompimento com o senso comum de que o educador é o que sabe, pensa, diz a palavra, disciplina, tem a autoridade do saber e, de outra parte, os(as) educandos(as) são os que não sabem, são os pensados, os que escutam docilmente, os disciplinados, os que não têm liberdade e que devem se adaptar às determinações do outro, como objetos de um processo, de acordo com a Pedagogia do Oprimido (Freire, 2005).



Como principal estratégia para contribuir com a consolidação da PNEPS-SUS, dentro do Plano Operativo, foi lançado, em outubro de 2013, o Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde - EdPopSUS (EDPOPSUS, 2017). Estabeleceu-se, a partir da parceria entre a Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (SEGEP) do Ministério da Saúde, a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), essas últimas integrantes da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que é vinculada ao Ministério da Saúde, com a sede central na cidade do Rio de Janeiro e mais seis centros regionais no território nacional.

O Programa de Aperfeiçoamento – intitulado Curso EdPopSUS – oferecido na modalidade de cursos descentralizados em todo território nacional. Primeiramente, o Curso teve por objetivo uma sensibilização à PNEPS-SUS, em 2013 e 2014, com carga horária de 53 horas. Já no segundo momento, com início de 2016 e término em 2018, como um curso de aperfeiçoamento, totalizando 160 horas de aprendizagem. O curso foi realizado ao longo de três anos, com a participação de, aproximadamente, 12 mil educandos(as) desde o início, e 610 educadores participaram diretamente no EdPopSUS 2, em 15 estados do Brasil. O EdPopSUS foi organizado de forma coletiva, a partir de oficinas com a participação dos movimentos populares e sociais, coletivos de Educação Popular e representantes de escolas técnicas do SUS, e surgiu para qualificar as práticas educativas, por meio da formação de ACS e ACE que desenvolvem estas práticas voltadas para mobilização social, promoção da saúde e equidade, tendo como referencial político-pedagógico a Educação Popular em Saúde.

Salienta-se que as características do projeto político pedagógico do Curso EdPopSUS são muito importantes para caracterizar o processo de formação. É indicado que, nele, sejam trabalhadas estratégias educativas individuais e coletivas que valorizem a troca de saberes e experiências, para que o aluno, futuramente, respeite a autonomia dos usuários e que não enfatize somente os aspectos biológicos do processo saúde-doença (Freitas *et al.*, 2015). O curso teve como pilares dessa construção: o diálogo, a amorosidade, a

problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção do projeto democrático e popular.

A formação dos profissionais da saúde sempre esteve muito pautada no modelo tradicional, cujo foco está apenas nos processos biológicos do processo saúde-doença e o Curso - para dialogar com os ACS e ACE - tem desenho que contempla as metodologias ativas, buscando maior autonomia do educando (Nascimento; Corrêa, 2008). As metodologias ativas colocam o(a) educando(a) na posição de protagonista do processo, desenvolvendo curiosidade, senso crítico, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, além de aprimorar habilidades sociais (Borges; Alencar, 2014).

Nessa perspectiva, a Educação Popular conversa com a Educação Permanente, refletindo um posicionamento frente a diferentes correntes de pensamento sobre a saúde, a educação de adultos e a educação profissional, campos que permeiam o debate e a prática sobre a formação de pessoas. A Educação Permanente apresenta-se como nova perspectiva para o redimensionamento e a resignificação das práticas em saúde, buscando promover a interação entre os atores e as atrizes envolvidas nessa construção e, a partir de então, fazendo com que sejam incorporadas novas atitudes, como o pensar, o fazer, o refletir, a interação, a integração e a (re)construção com outros e outras, o que, por sua vez, também compreende a Educação Popular.

A Educação Permanente parte do pressuposto da aprendizagem significativa que propõe que as transformações das práticas profissionais devem estar baseadas na reflexão crítica sobre as práticas reais das instituições de saúde e não em algo imposto pelos gestores dos serviços aos trabalhadores. As demandas para o processo de qualificação surgem a partir dos problemas de organização do trabalho, fazendo com que haja problematização do processo de trabalho e maior qualidade da assistência em saúde (Ceccim, 2005; Oliveira *et al.*, 2011; Moraes Filho *et al.*, 2013).

A Política da Educação Permanente vai ao encontro do pensamento de Freire (2014), ao afirmar que para existir verdadeiro processo de educação, este somente pode ser estabelecido por meio de análise das necessidades reais da



população envolvida. O processo de Educação Permanente em Saúde, ao procurar integralizar o processo educativo, prevê a participação dos diversos segmentos sociais, em especial, os prestadores dos serviços e sujeitos usuários, estabelecendo como objetivo primordial: a consolidação e o fortalecimento do SUS (Brasil, 2005).

De modo geral, essas Políticas – tanto a de Educação Popular em Saúde (Brasil, 2013) quanto a de Educação Permanente em Saúde (Brasil, 2005) - relacionam a proposta educativa aos princípios que orientam o SUS, ou seja, a construção descentralizada; a universalidade; a integralidade e a participação popular. A Educação Permanente busca possibilitar o desenvolvimento pessoal e institucional, assim como fortalecer as ações de formação com a gestão dos serviços e o controle social e a promoção da equidade (Brasil, 2005).

Assim, o EdPopSUS está fundamentado em proposta pedagógica democrática e libertadora, em que propõe aprendizagem integral, tendo a horizontalidade na relação educador-educando, valorizando as culturas locais, incentivando a conquista da autonomia e da dialogicidade. Partindo de processos participativos em saúde, o caminho político pedagógico proposto pela Educação Popular “requer o envolvimento corresponsável de todos os participantes na construção, na apropriação e na multiplicação de conhecimentos” (Brasil, 2016, p. 26). No Brasil, o Ministério da Saúde traz também, que o fazer em Educação Popular:

[...] tem relação direta com a cultura e com a vinculação às fontes da vida e da morte das comunidades: criação de laços solidários e comprometidos com a libertação, elo que articula saberes diferenciados, sensibiliza os diferentes atores envolvidos e exprime as representações que o ser humano constrói a partir da sua leitura do mundo na perspectiva de conhecer e intervir sobre a realidade (Brasil, 2016, p. 27).

O EdPopSUS vem com a intencionalidade que não basta o “saber fazer”, ou seja, vem com a construção que esse saber seja difundido e generalizado nas instituições de saúde, construindo caminhos administrativos e de formação profissional e institucional que superem a fase em que os saberes e práticas de

saúde mais integradas à lógica de vida da população aconteciam apenas em experiências alternativas, pontuais e transitórias. Indo ao encontro da ideia de Mitre *et al.* (2008, p. 2141), de que “somente por meio de uma prática reflexiva, crítica e comprometida pode-se promover a autonomia, a liberdade, o diálogo e o enfrentamento de resistências e de conflitos”, os princípios da Educação Popular podem ser compreendidos como saber importante para a construção da participação popular, servindo não apenas para a criação de uma nova consciência sanitária, como também para uma democratização mais radical das políticas públicas. Logo, a Educação Popular se faz na prática, não sendo apenas um estilo de comunicação e metodologia de ensino, como também um instrumento de gestão participativa que permite o reconhecimento da história, identificando o lugar no mundo e a responsabilidade social (Mitre *et al.*, 2008). Os ACS e os ACE, enquanto pessoas da comunidade, possuem papel estratégico e fundamental nessa implementação da formação no EdPopSUS.

O Curso EdPopSUS fundamentou-se em metodologia participativa, considerando que todos os participantes são educadores e educandos, realizando processo mútuo e dialógico de produção do conhecimento. Adotou como referência a Educação Libertadora e Emancipatória, em que o principal autor é Paulo Freire e, como prática pedagógica, aquela democrática fundada nos princípios de liberdade, autonomia, igualdade, equidade, fraternidade e compaixão, além de ser “ética, crítica, reflexiva e transformadora, ultrapassando os limites do treinamento puramente técnico, para efetivamente alcançar a formação do homem como um ser histórico, inscrito na dialética da ação-reflexão-ação” (Mitre *et al.*, 2008, p. 2134). O Curso foi baseado na problematização da realidade, considerando as experiências dos participantes, entendendo que todos são sujeitos ricos de vida e de história, por meio de um processo educativo que busca não apenas estimular a participação dos envolvidos, como também sendo uma forma de estimular a autonomia, capacidade de reflexão e criando possibilidades para transformação social (Bornstein *et al.*, 2016).

O Curso EdPopSUS 2 teve duração de quatro meses, totalizando 160 horas na modalidade presencial, sendo dividido em 136 horas presenciais e 24



horas de trabalho de campo, em 17 encontros semanais de 8h cada, intercalados com trabalhos de campo no território.

A estrutura do Curso foi organizada a partir de seis eixos temáticos (Eixo I: A construção da gestão participativa como fio condutor do processo educativo; Eixo II: A Educação Popular no processo de trabalho em saúde; Eixo III: O direito à saúde e a promoção da equidade; Eixo IV: Território, lugar de história e memória; Eixo V: Participação social e participação popular no processo de democratização do Estado e Eixo VI: O território, o processo saúde-doença e as práticas de cuidado), que foram divididos em momentos presenciais e trabalhos de campo. Os eixos foram divididos em turnos de oito horas, semanalmente, denominados de “encontros”. Os eixos foram subsidiados teoricamente pelo material didático do Curso, composto por um Guia e por um Livro de Textos de Apoio, que organiza e disponibiliza o conteúdo considerado fundamental para formação.

A estruturação diferiu de outras propostas curriculares por apresentar conteúdo aberto a percepções e novas construções resultantes da aprendizagem. Possui apenas eixos norteadores, com ensaios, textos, revisões de literatura e indicações de materiais complementares, disponibilizados principalmente pela *internet*, como vídeos, entrevistas, curtas, filmes, documentários, músicas e sites considerados estratégicos para o subsídio das discussões, auxiliando no processo de aprofundamento e na busca e fundamentação de reflexões, durante o trilhar da aprendizagem no EdPopSUS.

Por fim, uma das premissas que perpassa o EdPopSUS é que o caminho se faz ao caminhar, pois nele temos vidas, vidas pulsantes, vidas que vão (re) existindo e sendo experienciado por cada turma uma forma de vivência do percurso formativo, bem como a experiência de cada participante será única, pois será complementada com a história trazida, vivida e ressignificada por cada participante. Este texto objetiva apresentar os aprendizados de trabalhadores da saúde, pela revisitação histórica das comunidades em um Curso de Formação em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS), evidenciando as expressões desse aprendizado no processo de trabalho e na vida desses educandos.

## Percorrendo Caminhos

*Nunca uno, jamais foi um só;  
multiverso, infinito ao redor,  
são muitos os mundos,  
agora sei, são muitos os mundos,  
resta-me ser*  
(Lima, 2018, p. 9)

É caminhando que se constrói o caminho. É indo e vindo por trilhares, muitas vezes, tortuosos, que vamos reconstruindo a caminhada, deixando bagagens, carregando outras, no sentindo de irmos nos despindo e vestindo, com saberes e fazeres que vão sendo permeados pelas trocas em comunhão com o outro, com o mundo, o universo. Freire (2014) traz a importância de sermos seres inacabados, em constante reconstrução e, principalmente, com a ajuda do outro. Por isso, a importância de cada um e cada uma ao tecer esse momento de percurso metodológico, como um diálogo das autoras com os participantes.

Esta pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizada como um estudo de caso (Yin, 2010), teve como campo de atuação os serviços públicos de saúde, da Atenção Primária em Saúde, do município do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Foi aprovada pelo Núcleo Municipal de Educação em Saúde Coletiva (NUMESC) da Secretaria de Saúde de Rio Grande e pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Parecer nº 2.465.370).

O município de Rio Grande possui população estimada de 209.378 mil habitantes (IBGE, 2017) e ainda não possui gestão plena de todos os serviços de saúde, no território.

Os participantes foram Agentes Comunitários de Saúde (ACS), educandos do Curso de Formação. Alicerçado nas percepções dos participantes, o estudo utilizou-se da realização de entrevistas individuais semiestruturadas para compor o *corpus* de análise. As entrevistas foram realizadas por uma única pesquisadora, no local de trabalho dos participantes, em sala reservada, sendo gravadas por equipamento de áudio e transcritas na íntegra. Os participantes

assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O material textual foi interpretado pela análise de conteúdo de Bardin (2011), a partir do referencial teórico da Educação Popular.

Dos 27 profissionais que concluíram o Curso, 17 participaram do estudo. Para determinação do tamanho da amostra, adotou-se o critério da saturação teórica, ou seja, quando novas falas passam a ter acréscimos pouco significativos em vista dos objetivos propostos pela pesquisa e tornam-se repetitivas, as entrevistas são encerradas (Fontanella; Ricas; Turato, 2008; Fontanella *et al.*, 2011). A densidade do material textual produzido nas entrevistas também foi considerada para o encerramento da coleta de dados. As entrevistas foram realizadas entre março e julho de 2018. Excluíram-se da pesquisa os ACS que estavam em período de férias ou outro tipo de afastamento na etapa de realização das entrevistas.

## Tecendo Discussões e Reflexões

Pessoas florescem como plantas pelas conversas.

Brotam novas pessoas de uma boa conversa  
em casa, na praia, da rua, na festa, no trabalho,  
no almoço, na janta... até mesmo no alvoreço  
da vida nas grandes cidades.

Aliás, há situações em que nos alimentamos  
Exclusivamente de conversas.

Uma conversa de qualidade é muito nutritiva  
para o ser das pessoas.

As conversas são corpos inteligentes, mas  
dependem da escuta para ganhar força de expressão.

As conversas têm ouvidos e o faro apurado  
dos bichos.

Uma conversa aprumada é um nicho sagrado.

Uma boa conversa pode revolucionar o mundo,  
fornecer sentido para uma vida inteira

(Ray Lima, 2018, p. 4)

Na perspectiva freireana, utilizada nesta pesquisa, a temática dos resultados parte de concepção teórico-metodológica dialética, ao resgatar a teoria do conhecimento fundamentado na *práxis*, além de ser tema pertencente ao contexto de vida dos participantes da pesquisa, como a revisitação histórica das comunidades. Traz um recorte do contexto temporal sócio-histórico e são partes dele, proporcionando que a relação todo/parte seja estabelecida, possibilitando que o todo seja analisado a partir dessa visão, o que dá consistência à análise e à pesquisa e, por partirem da vida real de cada um, de seu que/fazer, permitem a relação entre o geral e o particular, no movimento que alia os sentidos e os significados, atribuem, como grupo, a realidade concreta, as vivências, desvelando, assim, protagonismo e humanidade. A discussão dos resultados abre a oportunidade de teorizar sobre a prática, aprofundando o olhar, na problematização, para além das aparências, e possibilitando encontrar a essência do fenômeno estudado (Kosik, 1986; Franco, 2015).

Diante da intencionalidade que orienta esta pesquisa, de “compreensão de significados”, sentiu-se a necessidade de partir do tempo sócio-histórico dos protagonistas da pesquisa, que os origina e os constituiu culturalmente. Esse ‘momento etnográfico’ (Demo, 2001), produzido pelas entrevistas, possibilitou armar o contexto de histórias de vida, com a finalidade de melhor entender as situações objetivas e subjetivas de sua existência, uma vez que, nessa análise, o tempo não é adorno, mas constitutivo de cada pessoa.

Dessa maneira, foram entrevistadas Agentes Comunitárias de Saúde, sendo a amostra constituída pela maioria de mulheres, com idade variando de 33 a 56 anos de idade e atuando há, no mínimo, sete anos no serviço público. Em relação à escolaridade, 10 concluíram o ensino superior, sendo quatro com pós-graduação e três estão realizando o curso de graduação em Enfermagem.

O foco desta pesquisa foi estudar o fenômeno dos aprendizados do ACS, a partir do evidenciar de expressões no processo de trabalho e na vida dessas pessoas. Buscou-se apreender, na oralidade de cada entrevistado, o significado das narrativas, o que foi virando linguagem a partir do momento em que há escuta das falas dos participantes enquanto “ser no mundo” e não



meros objetos sendo utilizados de forma pontual (Freire, 2014; Matthews, 2011). O entendimento de conceitos usados no contexto da pesquisa também se torna fundamental para captar o papel que desempenham na vida de cada pessoa no mundo (Matthews, 2011). Um desses conceitos centrais é a essência das experiências e como essas experiências interagem com o mundo circundante e as demais pessoas.

Isso posto, experiências são as vivências que produzem sentido, que afetam, tocam, transformam. É o que interage conosco, algo que perpassa nossas vidas, mas fica, produz estímulo, sensação pura e armazenada na memória. As experiências conclamam por “algo a mais”, requerendo conexão com o todo do ser, o tempo e o espaço, a percepção e a sensação, para que haja sentido e transformação. São únicas para cada indivíduo, algo que vem de dentro e transborda, sendo concernente a emoções, pensamentos e impressões elaboradas individualmente (Larrosa Bondía, 2002).

Os processos educativos são permeados por experiências e, além de atos de conhecimento, devem possuir não apenas conteúdos, mas atos da razão de ser de fatos históricos e culturais, bem como políticos e sociais (Freire, 1999). Os ACS identificam a importância de saber a história de cada comunidade na relação destes profissionais com as famílias, pois há o entendimento que o ACS passa a dialogar sobre diferentes dimensões da comunidade, não tendo sentido restringir as visitas apenas para um acompanhamento daquela família.

A importância das memórias da minha comunidade gerou também esse respeito de que as coisas são muito plurais. Então, se a tua mãe te fala uma coisa, que é uma pessoa importante para ti, eu não vou te dizer: “olha, minha mãe me dizia tal coisa”. [...] Na minha microárea, as pessoas falam muito aquelas histórias antigas, e quando eu era bem novinha a minha mãe me deu o casamento com o fulano, e aí tu vai entendendo as coisas do ciclo que vem vindo, e às vezes esse ciclo continua e hoje a filha tem 15 anos e já está casada com um homem, que tem que sustentar ela que vai criar o filho, então tudo tem um porquê, tem uma linha de continuidade, o fio da miada e aí tu puxa aquele fio e consegue entender as situações da comunidade em que tu vives. Aí tu vê, essa situação é horrível, porque essa pessoa está

aqui, porque ela viveu a vida toda assim, não tem como chegar e dizer olha fulana não é para tu vires assim, não. Então, a partir da Educação Popular e dessa importância da gente conhecer onde vivemos, as histórias da nossa localidade, tu tens como dizer um argumento que aquilo ali pode acabar ali, pode terminar, e que não é bom para ti, não foi bom para ti e não vai ser bom para tua filha, não é bom para tua neta, muitas gerações... é fantástico, essa parte de memória para a gente entender esses processos que as pessoas vivem, principalmente isso... desses ciclos de vida das pessoas e de como as comunidades se organizam. Eu acho que isso é essencial para a gente cuidar na saúde e, hoje, para mim faz toda a diferença entender porque tal família continua fazendo tal coisa. A gente não se restringe mais a visitar só para fazer o acompanhamento da rotina, sinto que, após conhecer mais, tudo mudou (ACS Educanda/o 5<sup>29</sup>).

A Educação Popular parte do entendimento de que a produção histórica e social produz conhecimento, pois as experiências anteriores são necessárias, são um ponto de partida para construção de novos conhecimentos, fortalecendo o sentido de coletividade, pertencimento. “No trabalho, na vida social e na luta pela sobrevivência e pela transformação da realidade, as pessoas vão adquirindo entendimento sobre a sua inserção na sociedade e na natureza” (Vasconcelos, 2004, p. 71), como expressa o depoimento:

[...] muitas coisas que eu não sabia, e também o levantamento da nossa área, nos fez saber muita coisa, que a gente não sabia. A gente imaginava, mas foi muito bom, a gente ter feito o resgate histórico, para gente conhecer a nossa própria comunidade, antigamente e que faz refletir no que a comunidade é hoje. Desde a forma como as pessoas se relacionam até o motivo que elas, muitas vezes, não querem nos receber (ACS Educanda/o 6).

O processo de reconhecimento da história das comunidades que aconteceu no decorrer do Curso foi evidenciado pelos ACS participantes como significativo para o entendimento do modo de viver e de se relacionar em cada comunidade, tanto antigamente como atualmente. A “bagagem”

<sup>29</sup> A numeração utilizada é descrita para identificar as participantes a partir da ordem cronológica de realização das entrevistas.



trazida por cada pessoa deve ser compreendida e respeitada, principalmente pelos profissionais de saúde que adentram as residências nas comunidades. As pessoas do território vão criando regras, organizando-se de forma ou outra, estabelecem regras sociais não escritas, “mas que todos as reconhecem, porque as pessoas do território as entendem e se submetem a elas” (Monken; Gondim, 2016, p. 110), como indicado a seguir:

Esse levantamento da história fez tu entenderes algumas coisas que não conseguias entender o porquê, tipo religião mesmo. Antes eu não entendia o que a gente sabia que tinha! As benzedeiras, alguns anos atrás...10, 15 anos atrás, tinham muitas e hoje em dia aqui quase não tem mais. Também, entender por que as pessoas gostam tanto de tomar chá, porque as pessoas tem essa cultura ou aquela cultura, então isso foi muito bom! E foi para gente resgatar e acabar conhecendo essas pessoas, até porque a gente tem uma visão maior, das próprias pessoas, porque as pessoas não entendem o que a gente fala e o EdPopSUS fez a gente ter esse olhar, que as pessoas não entendem e a gente tem que entender elas, o conhecimento que elas têm, e a bagagem delas e isso tem que ser respeitado, isso é o respeito com o próximo. Isso faz a gente respeitar muito mais agora e ir com mais calma quando as pessoas não entendem as coisas (ACS Educanda/o 7).

Eu acho que esse assunto das memórias rendeu bastante, porque a gente conversava, quando vai na casa, aí a gente se liga, parece mentira porque às vezes a gente faz o trabalho diário e eu sempre perguntava o porquê para os mais velhos, eu perguntava as coisas para comparar com o que os outros tinham me dito para ver se estava certo! E eu também, assim como as outras ACS, nunca tinha perguntado para ninguém sobre a verdadeira história do bairro. Eu descobri agora, que foi em 70 que o bairro foi fundado, e que a Escola foi fundada em 77, aí eu ia perguntando como é que era em cada visita que eu ia fazendo, que antes eles tinham a associação de moradores do bairro, como é que se formou, por isso que eu disse que rendeu muito e foi super importante. Até para as pessoas que eu visitava era importante, porque elas iam se reconhecendo como importantes moradoras do bairro e isso fazia diferença para a comunidade. Tinha assunto para muito tempo, conversar sobre

isso, sobre o bairro, as histórias, as memórias... e aí eles começavam a conversar nas minhas visitas e, no grupo de artesanato, a gente também conversava porque tem as mulheres e muitas idosas, e a gente trocava experiência! Eu perguntava e conversava, e elas ficavam lembrando que quando vieram para cá, tinha poucas casas, tinha muito campo e tinha até aquelas cacimbas para tirar água. Não tinha água encanada, não tinha luz, não tinha nada. Até hoje eu conheço 2 cacimbas que tem aqui, que eles conservaram, eles não fecharam e eu descobri através dessas conversas e foi muito bom, porque nem eu sabia e eu moro aqui desde 77 ou 75... agora não me lembro bem! E eu não sabia como que tinha sido fundado e aquilo mexeu muito comigo e com a gente e depois poder conversar com as pessoas e ficar sabendo, então é bem legal o vínculo. Eu vi que depois desse trabalho as pessoas me enxergam de outra forma, parece que a gente se vinculou mais com as pessoas e com a história da nossa comunidade (ACS Educanda/o 8).

Ao analisar as falas, é possível perceber que os ACS nem sempre conheciam as memórias das comunidades onde atuavam, o que lhes trouxe grande surpresa, mas também permitiu o estabelecimento de vínculos entre os moradores locais, dando sentido às relações sociais comunitárias. São relações sociais vividas no cotidiano que fortalecem o sentimento de pertencimento ao território coletivo. Histórias coletivas de reconhecimento não apenas do território, como também da própria história do sujeito. Indo além de apenas conhecer e atravessando a formação do sujeito no território. Têm potência para construção de processos de apoio social, fortalecendo os saberes locais, por meio de pessoas que realizam práticas populares, criando rede de cuidado em saúde, de promoção da vida e de estratégia de sobrevivência (Monken, 2008).

Eu gostei de saber como é que tinha sido criado o bairro, e a cultura daqui, só tinha uma igreja católica na época, não tinha luz, não tinha nada, era só monte de areia. Essa parte aqui [aponta para a frente da unidade de saúde] não tinha nada! Nem carro andava aqui porque era muita areia, e os mais antigos vieram para cá, em 1970, 1960, uma coisa assim. Os mais antigos da vila, que ainda tem um aqui, outro ali, pegaram essa parte aí [apontando para outra rua perto da unidade de saúde], que foram os que eu



consegui fazer as entrevistas e me contaram sobre como vieram para cá. Fico pensando que a gente não consegue fazer muito grupo aqui na unidade e pode ser esse o motivo das pessoas serem muito isoladas, acho que até egoístas. Mas, ficar conhecendo um pouco mais ajudou bastante para eu pensar mais coisas quando vou nas minhas visitas (ACS Educanda/o 9).

Eu adorei fazer e saber mais de onde eu atuo como agente. Tinham coisas que eu não tinha ideia e, hoje, quem nos pergunta a gente também pode passar certas informações, para os mais novos, que a gente já está ficando velinha, então sempre tinha aqueles curiosos e aí quando eles perguntam a gente pode falar tudo o que a gente sabe. Porque o trabalho do agente também é esse de multiplicador de conhecimento não ficando apenas na visitação para acompanhamento, é nossa função essa de informação então a gente pode fazer isso realmente (ACS Educanda/o 10).

O resgate das histórias de cada comunidade e a compreensão da dinâmica interna, de como a vida acontece, fortalece o vínculo entre aquelas pessoas que vivem no mesmo lugar, sendo importante a compreensão desses movimentos para comunicação de qualidade e efetiva entre as partes. Na concepção ampliada de saúde, é fundamental considerar as memórias de cada lugar, assim como as de cada pessoa, a fim de valorizar e potencializar cada espaço como importante para reflexão de cada ação. Para Scliar (2007), saúde é fenômeno histórico e cultural, sendo fruto das relações humanas com o meio em que se vive, logo, investigar as memórias auxilia na atuação dos profissionais de saúde, como também no entendimento do processo saúde-doença, conforme é identificado nas falas.

Então, sempre é importante o resgate da onde estamos trabalhando, porque, por mais que eu tenha nascido e me criado aqui, quando tu começa a investigar as memórias, tu sempre vais pegar uma história, até com a tua mãe, o teu avô, a tua avó, que tu vais perguntar [...] tenho histórias do arco da velha, coisas que tu acabas descobrindo, por mais que tu tenhas te criado aqui, que são coisas que tu vais te apaixonando mais ainda, que é a tua raiz.

Tudo isso vai ajudar no meu trabalho de ACS, na verdade bastante, porque a gente vai aprender que a história de cada um modifica o processo de cuidado (ACS Educanda/o 1).

É muito importante a gente saber da história da nossa comunidade, porque tinham coisas que eu já sabia e não estava lembrando mais. Com esse resgate, parece que deu um ânimo para gente ir atrás dessas coisas. Não tem certo e errado. Hoje, depois do curso também, tem umas casas que eu chego que são bem difíceis, mas às vezes eu falava para Enfermeira alguma coisa, e ela me dizia não dá para aguentar, mas a gente não pode mudar a pessoa, a família. É o jeito deles viverem. E só agora que eu comecei a entender isso, antes eu tinha vontade que eles fossem que nem eu, se tem uma manchinha de sujeira aqui, já tem que trocar... tem que ser do jeito deles e a gente vai aprendendo junto, principalmente a respeitar que cada um. E se eles são felizes assim, a gente acha que não, mas tem que ver o meio termo para poder cuidar em saúde pública (ACS Educanda/o 11).

Os ACS, ao buscarem e se aproximarem das histórias e memórias das comunidades, estão se aproximando das práticas dos cidadãos com quem interagem, abrindo possibilidades da valorização histórica do processo de cuidar. Conhecer o território “vivo” (lugar onde a vida transcorre diariamente), também dá sentido para as pessoas, pois os ACS passam a se aproximar da forma como essas pessoas sentem e vivem a própria saúde, como também a vida, contribuindo para entender como as pessoas adoecem e como cuidam da saúde. A PNEPS-SUS traz a valorização da história, das formas e expressões culturais, de cuidados com a vida, sendo um jeito de fazer saúde que é acumulado tradicionalmente nas formas populares de cuidar, enquanto prática social (Brasil, 2013).

Emergem, das narrativas dos ACS, o respeito aos saberes de cada pessoa e família, que foi adquirido ao longo do Curso e a partir do reconhecimento histórico e cultural de cada comunidade. Reconhece atores historicamente invisibilizados nos territórios pelo sistema de saúde institucional, como as benzedeadas. Evidencia a riqueza da história oral perpassada entre a comunidade,

por meio da partilha de saberes entre mais velhos e mais jovens. Desta forma, o resgate histórico das localidades contemplou a escuta e o saber do outro, fazendo com que a construção de saúde seja percebida na integralidade e como pertencente a um determinado contexto social, cultural e histórico:

(...)o resgate da história de onde vivemos traz conhecimento para o meu cuidado em saúde com as pessoas, eu acho que esse resgate histórico, no trabalho, faz a gente trabalhar as expectativas que eles têm com o agente comunitário. A gente sabendo o que eles passaram, de onde vieram e existe um cuidado maior a partir do que eu sei sobre aquela família, principalmente quando se vai passar uma orientação. É, eu acho que a gente tem um cuidado muito maior agora de respeitar a cultura deles (ACS Educanda/o 4).

Esse resgate que fizemos me fez perceber que onde atuo é bem diversificado, sendo que, em lugares dentro da mesma comunidade, é possível ver avanços, maior apoio e participação da comunidade (...). Super importante que pude identificar que é histórica a utilização de plantas medicinais e de algumas curandeiras e benzedoras, vejo a necessidade de integração dessa população com a minha unidade de saúde. Fico pensando em quanto o curso fortaleceu ainda mais a importância destas ações, de sabermos das memórias de cada bairro (ACS Educanda/o 15).

Também, evidencia-se nas falas de educandos/as a importância da valorização dos saberes tradicionais e populares. Ressignificados importantes para o cuidar em/com a comunidade e a articulação de processos de cuidado. Para o cuidado em saúde, é essencial o reconhecimento das características dos territórios como a memória, o ambiente, a cultura, as condições sanitárias, as características políticas, entre outras, dado que influenciam diretamente a história de vida das pessoas e determinam formas de perceber, experimentar e vivenciar a saúde, a doença e o cuidado (Pinto, 2017). Isso permitirá que os ACS elaborem, em conjunto com as pessoas, o processo de cuidar em saúde, de acordo com as realidades de cada localidade, respeitando a historicidade, valorizando o passado e construindo valores solidários e éticos com a comunidade.

Esse momento pedagógico de reconhecimento das memórias das comunidades foi importante e único para os ACS, estimulando-os a identificarem valores nos conhecimentos populares transmitidos pelos ancestrais:

Conhecer outras realidades, como culturas, opiniões e visões diferentes me fez, além de rever o conceito de respeito, buscar conhecimento dentro da minha realidade como profissional, na equipe e na comunidade em que atuo. Após o término do curso, as orientações na comunidade tiveram outra direção, escutar mais e não criticar o modo de viver e crenças, mas entender e, ao mesmo tempo, utilizar dos conhecimentos como forma de orientação e promoção. Também buscar as origens da nossa comunidade me fez entender algumas crenças existentes até hoje e reordenar as formas de orientação. As benzedeadas e as senhoras da pastoral da saúde não possuíam muito diálogo com o serviço de saúde, hoje, após ter realizado o curso, já verifico avanços e uma aproximação bem maior, o que é essencial não só para o meu trabalho, mas para a equipe de saúde (ACS Educanda/o 12).

Resgatar o histórico, as memórias e as culturas de cada localidade, abre-se como possibilidade de aproximação da forma como esses cidadãos sentem e vivem a saúde. Dessa forma, só há valorização do conhecimento popular a partir do momento em que se reconhece o contexto histórico cultural de cada comunidade. Compreender as histórias justifica-se, pois somos feitos delas, ao mesmo tempo em que as fazemos. Afinal, “fazer história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representando” (Freire, 2014, p. 28).

A compreensão das memórias dos territórios, bem como o reconhecimento do vivido, do lembrado, do valorizado e do revisitado, torna-se fundamental para reconhecer o outro como sujeito repleto de saberes, sujeito cheios de vida, acontecendo o encontro com o outro, princípio essencial da Educação Popular. O pensar, o refletir e o agir, a partir da EPS, é também um ato pedagógico:

O resgate das memórias, primeiro, foi uma retomada de mim mesma. Eu já tinha, há alguns anos, feito um levantamento da história do

bairro, porque isso é função nossa no diagnóstico comunitário, para construir a situação de saúde de cada local. Mas já fazia bastante tempo que eu não lidava com isso e a gente vai esquecendo. E daí eu peguei e consegui voltar, fazer uma volta na história de onde atuo e me dei conta que muitas coisas estão influenciando na relação da saúde das pessoas que ali vivem. Isso é importante para se trabalhar as especificidades ou alguma coisa naquela área (ACS Educanda/o 2).

Revela-se, na fala anterior, que, para conhecer e reconstruir o lugar ou a história, é necessário conhecer a si mesmo, como um revisitar a si, na e com a história do lugar onde se vive, se trabalha e se experencia, formando-se à medida que forma uma cronologia das memórias dos que vivem lá. Isso permitirá que a população, em conjunto com os trabalhadores da saúde, resgate e elabore práticas populares de cuidado para construção de uma vida mais saudável, fortalecendo laços e vínculos entre as pessoas do território, enfrentando os problemas e suprimindo as necessidades locais no lugar onde a vida acontece (Monken, 2008).

Práticas de cuidado sempre estiveram presentes na humanidade. Rituais de cura - como banhos, infusões, rezas, chás, benzeduras, simpatias, orações - sempre existiram, em diferentes culturas. Desta forma, pode-se considerar que o cuidado é marcado por características sociais e históricas, uma vez que é a partir do que se entende por saúde e por doença que se organiza o cuidado de si, do outro e do coletivo no qual estamos inseridos. Por exemplo, povos tradicionais, como os indígenas, entendem o processo de saúde-doença, como algo relacionado à dimensão espiritual, física e coletiva.

É oportuno destacar que, na proposta do Curso, a atividade de campo, em que era necessário identificar as práticas de cuidado existentes nos territórios das(os) educandas(os), também apareceu nas narrativas dos ACS como a importância do reconhecimento para potencialização das práticas existentes, bem como o incentivo de outros cuidados em saúde, como o reiki, a yoga, a meditação, a dança circular ou a alimentação natural:

[...] Agora, dentro da unidade, eu tenho feito várias atividades de cuidado coletivo e estamos iniciando a parte das plantas medicinais (ACS Educanda/o 4).

[...] além da gente trabalhar com as plantas, a gente fica bobo trabalhando, e com o EdPopSUS, a gente ampliou o relógio<sup>30</sup>, ficou mais bonito. A gente está trabalhando com a comunidade o herbário de plantas, identificando as ativas do bairro, e que pode ser útil. Para isso, a gente começou a construir a sala energizada, é a nossa salinha lá, a gente está montando-a. Já conseguimos uma maca, a minha enfermeira ficou sensibilizada comigo, ela se forma semana que vem em auriculoterapia. Outra colega já tem o Reiki 1 e 2. Então, acabou que a gente está indo e tudo o que a gente aprendeu, estamos buscando trazer para a comunidade e está fluindo. Então, na quinta-feira que vem, vai ser o primeiro encontro com a comunidade para a prática de meditação, de olhar mais para si, no meio da natureza e, conforme vai indo, vai melhorando mais. Isso é mérito do EdPopSUS porque ele nos capacita, faz a gente se desacomodar e acaba que a gente vai dando seguimento (ACS Educanda/o 17).

A articulação dos saberes populares locais com o fazer profissional vai incentivando o regaste das práticas populares de cada localidade, trazendo grandes possibilidades para as reinvenções de outras formas de produzir saúde nos territórios. Segundo Pulga (2018), a articulação e a construção de novos saberes e conhecimentos são características relevantes das caminhadas de cuidado e da EPS, como também é possível observar no relato:

[...] comecei a levar danças, coisas de plantas medicinais para a saúde e alimentação natural e aquelas coisas todas do saber popular, chazinho, aquelas coisinhas todas dos afetos que falam sempre. Procurei saber quem é que usava plantas, quem não usava. Ah! Poder usar essa parte de plantas, eu nunca tinha me envolvido muito assim, eu sabia que tinha muitos idosos que usavam, mas aí depois que eu fui para o curso é que eu vi e vivi tudo aquilo! Aí eu comecei a explorar mais essa parte ali na comunidade, em cada visita, em cada conversa que eu faço

---

30 Relógio do corpo humano de plantas medicinais. Local onde são cultivadas plantas medicinais de acordo com a utilização para cada órgão/sistema do corpo humano, bem como os horários mais adequados de utilização, procurando observar sempre a manifestação de depuração de cada órgão/sistema.

agora. Ver quem é que estava usando, quem é que tinha sua hortinha, isso eu acho que eu peguei bem do curso (ACS Educanda/o 9).

O resgate dos saberes e das práticas populares vão se configurando como essenciais ao entendimento para um cuidado em saúde reorientado à equidade. Percebendo que as crenças individuais e coletivas influenciam a forma como as orientações em saúde podem ser mais ou menos recebidas, a EPS vem trazendo um conjunto de princípios ousados e radicais na construção de modos de participar, de cuidar, de educar, enfim, de fazer saúde mais próximos do cotidiano e da vida das populações, para o “bem viver” em todas as dimensões. Dimensões importantes que vão sendo acolhidas e tecidas pelo modo de fazer coletivo, como a “da ancestralidade, da espiritualidade, da arte, da saúde e da cultura, dos processos de formação e de participação popular na saúde encontram na EPS a rede que acolhe, que embala e que possibilita a sementeira dessas práticas, saberes e conhecimentos” (Pulga, 2018, p. 98).

Os relatos a seguir explicitam o sentimento dos/as ACS de respeito às individualidades e às opiniões de cada um, sendo essas advindas de pensamentos, culturas ou crenças e que serão importantes para condução do processo de trabalho, principalmente no que tange às orientações em saúde. São diversidades de saberes e práticas que vão construindo uma aprendizagem coletiva:

Buscar as origens da nossa comunidade e os cuidados populares fez entender algumas crenças existentes até hoje e reordenar as formas de orientação em saúde. Além disso, foi muito bom ver como surgiu a comunidade, o que hoje não existe mais e os avanços. [...] Agora, estamos iniciando a parte das plantas medicinais. [...] A diversidade de pensamentos, religião, culturas, crenças e orientação sexual, quando nos deparamos com alguns desses assuntos, devemos sim defender o que acreditamos, mas sem machucar o outro, porque assim como eu tenho as minhas opiniões e crenças alguém também defende a sua. Por isso, o maior legado desse curso para mim foi, acima de tudo, respeito aos saberes de cada um e como trabalhar a partir desses saberes da comunidade (ACS Educanda/o 12).

[...] tu entenderes algumas coisas que não conseguias entender o porquê, tipo religião mesmo, tu não entenderes o que a gente sabia que tinha, benzedeira, alguns anos atrás, tipo 10, 15 anos atrás, que hoje em dia aqui quase não tem mais, e porque as pessoas gostam tanto de tomar chá. Porque as pessoas têm essa cultura, então isso foi muito bom. Foi para a gente resgatar e acabar conhecendo essas pessoas, até porque a gente tem uma visão maior, das próprias pessoas, porque as pessoas não entendem o que a gente fala, mas é da própria cultura e o EdPopSUS fez a gente ter esse olhar, que as pessoas não entendem mesmo, da própria cultura delas e a gente tem que entender elas, o conhecimento que elas tem. É a bagagem delas e isso tem que ser respeitado. Isso é o respeito com o próximo. Então, agora a gente está falando dentro da unidade sobre os saberes populares e, a cada dia que passa, a gente conhece mais das pessoas, aprende junto e ensina algo também (ACS Educanda/o 7).

A partir do entendimento e da percepção da construção histórica de diferentes localidades, da prática de trabalho e da realidade vivenciada, os ACS experienciaram o momento pedagógico da problematização. O mesmo emergiu como manifestação do conjunto das memórias, juntamente com os atores das localidades, possibilitando não apenas identificar problemas, mas também superar situações-limite vivenciadas no cotidiano dos serviços e da vida. Resgatando possibilidades e capacidades para intervir a partir de um olhar histórico, tendo a “ampliação do olhar sobre a realidade com base na ação-reflexão-ação e o desenvolvimento de uma consciência crítica que surge da problematização, permitindo que homens e mulheres se percebem sujeitos históricos” (Brasil, 2012, p. 16).

A relação dialética estabelecida no EdPopSUS não é alheia à realidade, às memórias, às histórias e aos saberes, tanto dos sujeitos como do local em que estão inseridos. Ao incentivar que a leitura e a compreensão da realidade possam estimular a capacidade de ação, impregna de sentido à vida cotidiana e demonstra que é partindo da conexão do ser humano com a realidade, ao compartilhar vivências e práticas de criação, que fomenta, assim, a humanidade. Na medida que produz, determina e recria, transforma a história e os seus períodos (Freire, 1997).



No início do Curso, a Educação Popular adotada buscava perspectivas que resultassem em aprendizagens político-culturais. Hoje, no fim do Curso, a experiência com a Educação Popular como processo educativo e o fazer em movimento/fazer em ato, significou não apenas a consolidação, mas também a concretização de uma abordagem educativa que, em certo sentido, já estava desenhada nos primeiros encontros: a busca pela libertação, nas formas de interação com as comunidades. Libertação que, sendo um conceito central do pensamento freireano, está intrinsecamente ligado à conscientização (Streck; Redin; Zitkosk, 2018). Caminhou nessa direção o entendimento de que o Curso devesse ir muito além de um conhecimento puramente mecânico, de capacitação técnica, pois não bastaria pensar diferente, mas fazer diferente. Uma proposta que trouxe a necessidade de lutar contra diversos tipos de verticalismos, autoritarismos, hierarquias, irracionalidades, explorações e desumanizações (Cruz; Pereira; Alencar, 2018).

Um treinamento técnico baseado na transmissão de conhecimentos, da chamada mão de obra especializada dos ACS, limita a construção da consciência crítica e acaba reproduzindo a educação hegemônica na realidade brasileira (Ceccim, 2005). Uma “educação hegemônica excludente e autoritária, direcionada a reafirmar a sociedade como aí está” (Cruz, 2015, p. 131). Assim, a intencionalidade pedagógica de utilizar os fundamentos da Educação Popular no Curso procurou contrariar esta lógica.

Nesse desafio de um processo pedagógico que crê no ser humano como transformador da realidade, torna-se essencial maior articulação da PNEPS-SUS no cotidiano dos serviços de saúde. A mediação pela afetividade mobiliza o outro e a si mesmo, tendo o encontro e a sensibilidade diante de novas experiências de construção do conhecimento, em práticas efetivamente problematizadoras, despertando para uma consciência crítica, reflexiva e criativa dos profissionais da saúde, da assistência à gestão (Ceccim; Feuerwerker, 2004; Meneses, 2017). Processos pedagógicos movimentados pela amorosidade e pelo diálogo, que afetam, tocam, motivam, mobilizam e semeiam relações de compromisso social, ético e democrático com a saúde e

a sociedade, produzindo trabalhadores/pessoas “mais fortes, aptos, corajosos e potentes vindo a proporcionar mudanças significativas, em termos de saúde e exercício da cidadania frente às exigências da sociedade contemporânea” (Meneses, 2017, p. 2010). Uma proposta que faz um convite para repensar e

[...] perceber que a educação e o trabalho na saúde através de um modelo de sociedade mais justa e igualitária, que se contrapõe ao econômico-capitalista em que os trabalhadores se colocam de forma contra-hegemônica. [...] os educadores e as educadoras populares em saúde precisam pautar a política com vários níveis de gestão, em particular com as coordenações que cuidam das marcas da gestão e das doenças prioritárias, mas também com os movimentos sociais (Silvan, 2013, p. 109).

## O caminhar das reflexões sobre o vivido

Os resultados mostraram que as experiências anteriores dos ACS, enquanto trabalhadores da saúde e pertencentes ao território, destacaram-se como necessárias, como se fossem pontos de partida para construção de aprendizados, fortalecendo o sentido de coletividade e pertencimento, na busca de percorrer as comunidades. O processo de reconhecimento da história das comunidades, que aconteceu no decorrer do Curso, foi evidenciado pelos profissionais participantes como significativo para o entendimento do modo de viver e de se relacionar em cada comunidade.

Nesse marco de inquietudes acadêmicas e enredos interdisciplinares, surgiu a oportunidade de aproximar a Educação Popular com os processos antropológicos e históricos do sistema de formação e de saúde no Brasil. Pode-se afirmar, por conseguinte, que a Educação Popular jamais perdeu a validade, porém não tem sido chamada a desempenhar papel estratégico no processo de mudança em que se vive as sociedades modernas, em que é cada vez mais necessária a formação de cidadãos com capacidade crítica, compromisso social, emancipação, exercício da democracia, mas também, com o direito de sentir e agir com liberdade. Importa, ainda, contextualizar que, no momento vivenciado, há várias forças contrárias à continuação de experiências baseadas

na efetiva cidadania, juntamente com o desmonte de várias políticas públicas que vinham sendo consolidadas, principalmente, no Brasil.

Evidencia-se que o conhecimento jamais pode ser pensado isoladamente, um conhecimento em si, ou reduzido a um conjunto de técnicas e métodos que, sem um referencial teórico, metodológico e político, perdem a potencialidade, o que não significa que técnicas e métodos não sejam relevantes no processo educativo, mas desde que haja intencionalidade com qual objetivo se faz uma roda ou uma dança circular, por exemplo. Observou-se, pelos relatos, que os ACS perceberam os conhecimentos da Educação Popular como um ato criador. Assim, aceitavam e reconheciam que o papel não poderia ser prescritivo, entendiam também os procedimentos metodológicos coerentes com esses princípios. Porém, no início das práticas do Curso, houve resistências condicionadas pela posição ou educação formal, muitas vezes autoritária que receberam e insistiam na transferência mecânica de conhecimentos, reduzindo as comunidades a depósitos de saberes. Trabalhar esses conhecidos erros metodológicos exigiu revisar e visitar condicionamentos e a compreensão histórica. História que também é poesia e não pode ser compreendida fora da paixão, do amor, da fraternidade, do desejo e do sonho. E foi esse o sentimento que os emprenhou nas saídas de campo, ora observando a luta diária dos assentados em um assentamento do Movimento Sem Terra, ora percebendo a ausência de realidade dos confinados em um mundo paralelo.

É um movimento de aprendizagem, de ir e vir, como o balanço do mar, em que a compreensão da relevância das memórias das comunidades, que interagem com o ACS, ganha destaque e é repetidamente salientada pelos participantes da pesquisa. Trata-se da importância do reconhecimento, do respeito e da valorização das raízes históricas e culturais para construção ética do presente. Ao acolher a sabedoria da memória, consegue-se perceber o presente e compreender a realidade em que se vive. Traz o resgate das práticas, das crenças e dos saberes populares construídos nas tradições familiares e sociais, reconhecendo e dando igual valor como conhecimentos científicos, sendo percebido como complementares e com relevância social.

Esse adentramento da realidade social, histórica e cultural das comunidades trouxe aos ACS o direito de conhecer o que já conheciam e conhecer o que ainda não conheciam. Conhecer melhor o que conheciam foi revisitar saberes e conhecer o que ainda não conheciam foi encontrar e ressignificar os saberes populares. E, o mais formidável, compreender que esses dois saberes precisam ser complementares. Não são saberes antagônicos, mas representações concretas e complementares da realidade, que são desveladas pela oralidade na conversa com o outro e no respeito ao outro.

A caminhada educativa (re)construída, tendo como referencial a Educação Popular, não possui um trilhar único na busca de conhecimentos ou de uma formação que faça sentido, que desacomode, que se faça coerente. É uma experiência que deixa marcas que emocionam, que faz sentir verdadeiramente, na integralidade do humano em comunhão com o universo. Busca compreender o que não está visível, a instigar a procurar sempre mais, descobrindo que tem capacidade para se transformar, se refazer e, refazendo-se, transforma o mundo. Incentiva cada um e cada uma a ter a boniteza como um horizonte, enxergando de forma diferente, com outros olhos e outras lentes. Mesmo que não exista um caminho reto na condução desse processo educativo, há um modo de guiar e pensar essas ações educativas, tendo como foco a transformação social. Portanto, o/a educando/a deve ser estimulando a olhar para a própria realidade e desvelar, ele/ela mesmo, os caminhos mais adequados para agir rumo à transformação. Esse caminhar de reflexão do vivido expressa a leitura da realidade, ou seja, o significativo aprendido.

## Referências

- Bardin, L. 2011. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- Barilli, E. C. V. C.; Pessoa, L. R. A. Intersetorialidade Saúde e Educação para a Construção de Escolas Promotoras de Saúde: percepções dos Profissionais Ligados ao Curso a Distância Gestão de Projetos de Investimento em Saúde. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 121-137, 2013.
- Bloch, M. **Introducción a la historia**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- Borges, T. S.; Alencar, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante:

- o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**, Salvador, n. 4, p. 119-143, 2014.
- Bornstein, V. J. *et al.* **Guia do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. 2013. **Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013**. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- Brasil. Ministério da Saúde. **Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- Ceccim, R. B. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. **Interface Comun Saúde Educ.**, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 161-177, 2005.
- Ceccim, R. B.; Feuerwerker, L. C. M. O quadrilátero da formação para área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004.
- Cruz, P. J. S. C. **Agir Crítico em nutrição**: uma construção pela educação popular. 2015. 397 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- Cruz, P. J. S. C.; Pereira, E. A. A. L.; Alencar, I. C. Educação Popular: teoria e princípio ético-político do trabalho social emancipador. *In*: Cruz, P. J. S. C. (org.). **Educação Popular em Saúde**: desafios atuais. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 47-67.
- FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **EdPopSUS - Apresentação do Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde**. Brasil, 2017. Disponível em: <http://www.EdPopSUS.epsjv.fiocruz.br/o-que-e-o-projeto>. Acesso em: 13 set. 2020.
- Franco, J. B. **Prática social como prática pedagógica em educação popular ambiental**. Curitiba: Appris, 2015.
- Fontanella, B. J. B. *et al.* Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 388-394, 2011.
- Fontanella, B. J. B.; Ricas, J.; Turato, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.
- Freire, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- Freire, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- Freire, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- Freire, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz

- e Terra, 2014.
- Freitas, L. M. *et al.* Formação dos agentes comunitários de saúde no município de Altamira (PA), Brasil. **ABCS Health Sciences**, Santo André, v. 40, n. 3, p. 171-177, 2015.
- IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Censo Demográfico**. 2017. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 13 jun. 2020.
- Kosik, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- Larrosa Bondía, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.
- Lima, R. **Roteiro Cenopoético: Da vila para a Cidade de Prosa para a Poesia**. Florescer Poético. Edições Universo de Aprendizagens. Ceará: Icapui Cenopoética, 2018.
- Matthews, E. **Comprender Merleau-Ponty**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- Meneses, M. N. Tendas do Afeto Popular: a experiência(ação) de uma prática de cuidado no Extremo Sul, do Rio Grande do Sul. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], p. 197-211, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6901/4526>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- Mitre, S. M. *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, 2008.
- Monken, M. Contexto, território e processo de territorialização de informações: desenvolvendo estratégias pedagógicas para a educação profissional em saúde. *In*: Barcellos, C. (org.). **A geografia e o contexto dos problemas de saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO/ICICT/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2008. p. 141-154.
- Monken, M.; Gondim, G. M. M. Território: lugar onde a vida acontece. *In*: Bornstein, V. J. et al. **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde: textos de apoio**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. p. 109-112.
- Morais Filho, L. A. *et al.* Educação Permanente em Saúde: Uma estratégia para articular ensino e serviço. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 4, n. 5, p. 1050-1060, 2013.
- Nascimento, E. P.; Correa, C. R. S. O agente comunitário de saúde: formação, inserção e práticas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 1304-1313, 2008.
- Núñez, H. C. Educación popular: una mirada de conjunto. **Revista Decisio.**, México, p.3-14, 2005.
- Oliveira, F. M. C. S. N. *et al.* Educação Permanente e qualidade da assistência à saúde: aprendizagem significativa no trabalho da enfermagem. **Colombia: Aquichan**. Chía, v. 11, n. 1, p. 48-65, 2011.
- Pedrosa, J. I. S. Educação Popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referências. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- Pinto, J. M. C. P. **História e Memória Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2017.

- Pulga, V. L. As múltiplas dimensões da educação popular em saúde que emergem das experiências e dos saberes produzidos nas redes de cuidados das mulheres camponesas. In: Cruz, P. J. S. C. (org.). **Educação Popular em Saúde: desafios atuais**. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 85-106.
- Santiago, A. R. F. **Pedagogia Crítica e Educação Emancipatória na Escola Pública: um diálogo entre Paulo Freire e Boaventura Santos**. In: ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação, 12, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/225/217>. Acesso em 14 jul. 2020.
- Scliar, M. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.
- Streck, D. R.; Redin, E.; Zitzkoski, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- Vasconcelos, E. M. Educação Popular: de uma prática alternativa à estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-83, 2004.
- Vasconcelos, E. M. Educação Popular: de uma prática alternativa à estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-83, 2004.
- Yin, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.